
O uso de metodologias qualitativas no estudo da violência doméstica

*Isabel Dias*¹

1. Introdução

A violência doméstica constitui um domínio de pesquisa novo. Só recentemente é que foi identificada como objecto de análise científica e de medidas de política social. Apesar da sua juventude, em pouco mais de três décadas, foi construído um notável património teórico-metodológico. Entre os anos 1960 e 1990 várias formas de violência doméstica foram identificadas (e.g., violência contra as crianças, as mulheres e os idosos), pondo definitivamente em causa a imagem da família moderna idealizada (Gelles e Loseke, 1993). Todavia, o processo de construção de visibilidade científica e social da violência doméstica tem sido acompanhado por inúmeras controvérsias relativas aos significados, definições, medidas, causas, consequências e intervenção pública neste domínio. Complexidade e ambivalência marcam assim um tópico de pesquisa que desafia valores e ideais culturais profundamente estabelecidos (Idem, 1993, p. x).

A violência doméstica constitui um campo marcado pelo pluralismo teórico. As diversas perspectivas afirmam-se como formas competitivas de conceptualizar os comportamentos implicados na violência familiar, definindo não só o tipo de problemas que enfrentamos, mas sobretudo o que importa analisar. Estas questões remetem-nos, inevitavelmente, para o problema da “medida” do próprio fenómeno e consequentemente para o da discussão acerca dos contributos dos paradigmas quantitativo e qualitativo, quer ao nível da operacionalização da diversidade de conceitos e de formas de violência, quer ao nível dos problemas metodológicos e dos dilemas éticos que a sua pesquisa suscita.

Na presente comunicação, pretende-se problematizar algumas questões relativas aos efeitos decorrentes de uma certa hegemonia científica do paradigma quantitativo na fase inicial da investigação nesta área. Ao mesmo tempo, ilustra-se de que forma as metodologias qualitativas não só trouxeram um novo significado à noção de “objectividade”, como responderam aos desafios decorrentes da própria pesquisa da violência familiar.

Tal problematização, tem como referente a aplicação de algumas metodologias qualitativas numa investigação² recentemente realizada no domínio da violência familiar. Trata-se de “histórias de vida” e de “narrativas” de violência. Através destas metodologias, o sujeito adquiriu, na referida investigação, um novo estatuto cognitivo. No primeiro caso, ele passou a ser tratado como portador de história (de violência), acedendo-se, deste modo, à historicidade concreta da sua praxis (Conde, 1993, p. 41); no segundo, ao ser encarado como produtor activo de conhecimento, passou a adquirir “existência narrativa” (Gonçalves, 2000, p. 33). O sujeito tornou-se, então, “autor do seu caminho”, construindo “significações múltiplas da existência” (Idem).

2. Metodologias quantitativas e/ou qualitativas: O “caso” da violência doméstica

Enquanto objecto de análise científica, a violência doméstica possui características únicas. Para além de constituir um tema sensível, a sua natureza privada e íntima torna difícil a sua investigação (Weis, 1989, p.138; Teixeira Fernandes, 1994). Não é de estranhar, por isso,

¹ Socióloga. Professora Auxiliar no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora no Instituto de Sociologia da mesma Faculdade (ISFLUP). E-mail: mdias@letras.up.pt

² Isabel Dias (2002), *Representações e práticas de violência doméstica em famílias de diferentes meios socioprofissionais*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras do Porto.

que seja um objecto saturado de problemas metodológicos. Estes estão relacionados com a ambiguidade das definições utilizadas³, a identificação da população a estudar e a constituição de amostras, o recurso a uma diversidade de fontes de informação (por exemplo, a estatísticas sobre a violência doméstica, a informantes privilegiados, a auto-relatos ou a inquéritos de vitimação) e também com a validade dos dados (Rosenbaum, 1988, pp. 91-104). Esta questão torna-se ainda mais pertinente, se se atentar que a maior parte da informação recolhida é retrospectiva e que, nem sempre, os sujeitos conseguem lembrar com detalhe todos os factos e emoções presentes nas situações de violência. É comum os incidentes menores serem esquecidos ou redefinidos e os mais graves serem suavizados, sobretudo quando ainda existe uma ligação afectiva com o agressor. Também é frequente os indivíduos tentarem dar de si uma imagem em conformidade com a normalidade social.

Todos estes problemas metodológicos enquadram-se no âmbito de uma discussão mais lata sobre a aplicação das metodologias quantitativas e/ou qualitativas no estudo da violência doméstica. É importante salientar que este é um domínio em que certos procedimentos de pesquisa têm uma larga aceitação. Referimo-nos às pesquisas de natureza quantitativa, no âmbito das quais a Conflict Tactics Scales⁴ desenvolvida por Straus (1979), é muito usada para se determinar a incidência de certos comportamentos violentos. Não obstante a sua utilização extensiva, esta escala é criticada pelo facto de não integrar itens relativos ao contexto, padrões, sentido e consequências da violência (Barnett, Perrin e D. Perrin, 1997, p. 38; Rosenbaum, 1988, p. 95).

Apesar de se tratar de um procedimento que não tem sido revisto desde a sua formulação, a qual data de 1979, para as perspectivas feministas os resultados produzidos por esta escala são levados demasiado a sério pela comunidade científica (Straus, 1979, pp. 75-88). Embora reconheçam que alguns dos investigadores que privilegiam as abordagens quantitativas da violência doméstica também criticam as instituições patriarcais e a sua natureza opressora como, por exemplo, Straus, Gelles e Steinmetz (1988), as autoras feministas consideram que eles não o fazem relativamente à natureza patriarcal da ciência e dos seus métodos. Por isso, Yllo (1990) acredita que somente quando considerarmos estas questões ao nível da epistemologia é que as críticas aos dados quantitativos se tornarão mais claras e substantivas. O problema, refere a autora, não é a quantificação *per se* (embora a CTS se possa tornar numa medida mais adequada, isto é, possa ser melhorada). É o próprio estatuto da pesquisa quantitativa como sendo a forma mais “objectiva” de produzir conhecimento sobre a realidade, que também aqui está em causa (p.41).

Esta pretensão das metodologias quantitativas é criticada pelo paradigma qualitativo, em geral, e pela abordagem feminista, em particular. Para esta, a análise da violência doméstica não está completamente desprovida de valores, até porque implícita à investigação está a finalidade de intervenção na realidade. Por isso, neste âmbito, não se pode falar numa interpretação estritamente objectiva. De resto, para Yllo (1990), a objectividade é apenas uma forma de o indivíduo designar a sua própria subjectividade (p. 42). Assim, em vez de se negar a presença desta dimensão na análise da violência, as autoras feministas consideram que o reconhecimento, por parte do investigador, dos seus próprios valores e das implicações éticas inerentes ao processo de pesquisa, constitui uma forma de ele se tentar comportar objectivamente⁵ (Saunders, 1990, p. 109).

Embora não recusem, completamente, alguns procedimentos próprios da análise quantitativa como, por exemplo, o recurso a amostras representativas, aos métodos de medida

³ Para Barnett, Perrin e D. Perrin (1997), “Definitional ambiguity has struck at the very heart of the field, undermining every aspect of scientific inquiry. This lack of consensus has significantly impeded understanding about the very meaning of family violence” (p. 35).

⁴ “The CT scales require subjects to report how frequently (if ever) behaviors ranging from “calm discussion” to “life threatening violence” have been used to resolve marital conflicts. Items 11-18 reflect violent acts; subjects are typically considered abused or abusive on the basis of whether they have experienced or employed any of those eight items” (Rosenbaum, 1988, p. 94).

⁵ Contando, para o efeito, com a ajuda de técnicas que permitem a redução de possíveis enviesamentos (Yllo, 1990, pp. 33-36).

das variáveis e a certas técnicas de análise estatística (Yllo, 1983, pp. 277-288), as autoras feministas rejeitam a sua noção de objectividade científica, principalmente porque esta “requer o divórcio entre racionalidade da investigação e qualquer implicação emocional ou social” (Yllo, 1990, pp. 41-42). Recusam ainda reduzir as histórias de violência das mulheres exclusivamente a códigos, números e índices sobre a gravidade das suas experiências. Por esta razão, consideram mais adequada a abordagem qualitativa⁶ deste fenómeno (Yllo, 1990, p. 34). Esta permite não só compreender o significado, as interpretações e as experiências subjectivas dos membros da família como, também, o acesso à diversidade de vivências de violência doméstica, através da versatilidade dos seus métodos. Estes ao proporcionarem uma abordagem holística da família, ou seja, das suas interações, dinâmicas e contextos, permitem ao mesmo tempo a observação dos padrões de interacção e de negociação dos papéis e das relações na família (Daly, 1992, p. 4).

Tendo implícita uma abordagem naturalística e interpretativa dos fenómenos, a pesquisa qualitativa envolve uma multiplicidade de abordagens teóricas e de metodologias (Miles e Huberman, 1994, pp. 8-9). A escolha dos procedimentos de pesquisa depende, deste modo, das questões conceptuais orientadoras da investigação e também do contexto em que são formuladas. Ora, o recurso a uma multiplicidade de métodos reflecte a tentativa de se assegurar uma análise exaustiva e em profundidade dos fenómenos estudados (Creswell, 1998, p. 15).

Assim, no âmbito do paradigma qualitativo é assumido que a realidade objectiva não pode ser completamente apreendida, sendo possíveis apenas aproximações sucessivas a essa realidade (Denzin e Lincoln, 1994, p. 5). A objectividade “reporta-se à decisão de correr um risco intelectual, o risco de ser refutado” (*Ibidem*, p. 66), ou seja, a verdade não é considerada absoluta, na medida em que é mediada pelo próprio investigador com os seus valores e quadros de referência, mas também não é completamente relativa, uma vez que é construída em interacção com o mundo empírico, que opõe a sua própria resistência às concepções que sobre ele se constroem (*Ibidem*). Tal significa que a procura da objectividade no âmbito das metodologias qualitativas percorre um caminho diferente do das metodologias quantitativas: no contexto das metodologias qualitativas opera-se por explicitação, isto é, o investigador tenta explicitar os apriorismos e os seus efeitos sobre a pesquisa. Por outras palavras, tenta alcançar a objectividade através do reconhecimento da subjectividade e pela objectivação dos seus efeitos na prática de pesquisa (Hébert, Goyette e Boutin, 1994, p. 67).

Para além da objectividade, a validade e a fidelidade constituem outros critérios científicos importantes no âmbito do paradigma qualitativo. Para o efeito, a triangulação (Janesick, 1994) é muito utilizada como um procedimento de validação instrumental e teórica, concretizando-se através do confronto dos dados obtidos a partir de várias técnicas, bem como pela discussão dos resultados entre os vários investigadores ou entre o próprio investigador e os indivíduos observados (Hébert, Goyette e Boutin, 1994, p. 76).

Em suma, o paradigma qualitativo apesar de ser criticado pela sua subjectividade, falta de fiabilidade e dificuldade de generalização dos resultados alcançados (Azevedo, 1995, p. 56), orienta a investigação para a análise dos processos e dos significados, que não têm que ser exclusivamente analisados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Embora não abdique totalmente desta dimensão, interessa, para este paradigma, a natureza socialmente construída da realidade, a relação que se estabelece ao longo do processo de pesquisa entre o investigador e o objecto, bem como os constrangimentos situacionais emergentes durante a investigação.

⁶ “Feminists use a variety of qualitative styles, but share the assumptions held generally by qualitative or interpretative researchers that interpretative human actions, whether found in women’s reports of experience or in the cultural products of reports of experience (film and so on), can be the focus of research” (Olesen, 1994, p. 158).

3. O uso de metodologias qualitativas

No trabalho de investigação que serve de referente à presente comunicação privilegiaram-se algumas metodologias qualitativas. Isto não significa que se tenha eliminado, no estudo das representações e práticas de violência doméstica⁷, o recurso a procedimentos de natureza quantitativa. Tal implicaria a negação da posição epistemológica que considera que entre as metodologias quantitativas e as qualitativas existe um *continuum* e não uma dicotomia (Miles e Huberman, 1994, p. 41). De qualquer modo, a referida investigação seguiu essencialmente o caminho lógico delineado pelo método de análise intensiva de algumas famílias inseridas em diferentes contextos socioprofissionais.

Importava, então, compreender de que forma a violência doméstica é socialmente construída. Trata-se aqui, de afirmar que embora este problema social reflecta as condições estruturantes em que se localizam os seus protagonistas, a violência resulta da sua acção e do significado que lhe é atribuído. O recurso ao método biográfico e às narrativas, permitiu-nos, precisamente, compreender de que forma a nossa população não só representava tal realidade, como construía as suas experiências, passadas ou presentes, de violência.

a. O contributo do método biográfico

Existem vários métodos biográficos, ou várias formas de escrever sobre a “vida”. Cada uma delas apresenta distintos problemas e proporciona-nos diferentes entendimentos sobre as vidas subjectivamente (re)contadas (Denzin, 1989, p. 7).

Tornando explícito o implícito, o contributo do testemunho biográfico, na referida investigação⁸, foi fundamentalmente orientado para a história de violência familiar tal como era narrada pelos entrevistados. Tratou-se de utilizar a história de vida como uma narrativa da experiência pessoal, ou das partes mais significantes dessa experiência (Atkinson, 1998, p. 42). Através dela, homens e mulheres reviram as suas experiências de violência familiar, como se tudo ora encaixasse num todo significativo, ora emergisse como descontínuo, ou ambas as coisas. Ao reconstituírem a vida sob a forma de uma história, os sujeitos tornaram-se então mais conscientes do(s) significado(s) das suas experiências de violência doméstica.

Apresenta-se de seguida, a história de violência que marcou a vida de Nazaré.

Nazaré, 43 anos, doméstica

“Ai, quando casei levei tanto. (...) No princípio de casados, com a barriga à boca levei uma coça aqui na praia, era a minha filha mais velha até julgava que tinha que a tirar em antes do tempo”.

Nazaré é “doméstica” mas também trabalha com o marido. Para ela, o pai “era uma jóia de senhor”. Ele nunca batia nos filhos. O mesmo já não sucedia com a mãe: “A minha mãe é que gostava de molhar a sopa”. A mãe quando batia era violenta. Ela batia “com a mão, com a vassoura, com o que tivesse na mão. Ela não se resguardava de ninguém”. A mãe bateu mais em Nazaré a partir do momento em que ela começou a namorar: “Levei muita coça da minha mãe quando comecei a namorar para o meu marido. Era muito novinha, tinha 15 anos. Levei muita coça de vassoura, de stick, do que calhasse”. O facto de ser muito jovem e de as famílias de ambos serem “aparentadas” esteve na origem da forte oposição dos pais ao seu namoro: “(...) Ela [mãe] não queria que eu namorasse para ele porque não se usava aqui na praia, o meu marido é meu primo. E por isso era só dificuldades, levei muita coça para casar, muita

⁷ Na presente investigação, o recurso a software para a análise dos dados, permitiu-nos a criação de bases de dados qualitativos (NUD*IST) e quantitativos (SPSS). Sendo assim, não só foi possível a construção de histórias de vida e narrativas, como a aplicação de uma análise de conteúdo categorial e de uma Análise de Correspondências Simples (CA).

⁸ Na referida investigação, foram produzidas dez histórias de vida de cinco de homens e de cinco mulheres. Cada uma delas ilustra diferentes histórias de violência doméstica.

mesmo". Tais dificuldades, por vezes, agudizavam-se devido aos ciúmes que ela sentia pelo namorado: "Eu era muito ciumenta, ele [marido] queria namorar para muitas mulheres ao mesmo tempo". No entanto, nesta fase ele nunca foi agressivo com ela, o que já não tem sucedido durante o seu casamento.

Nazaré casou com 17 anos e já ia grávida, o que a leva a afirmar que "(...) os princípios de casados foram muito difíceis". Nesta altura, o seu sonho era "fazer uma casinha para viver com os filhos". Mas, rapidamente, as expectativas positivas que tinha se desvaneceram: "Não julguei que fosse tanto trabalho, nem que fosse tanta malcriadeza".

Para além da violência física, o marido usa com frequência a violência verbal, o que ela vai desculpando: "Aqui na praia é assim, uns mais malcriados do que outros. (...) A gente para não fazer vergonhas cala-se e pronto. Um dia destes ele até me queria bater aqui na praia. Eu não fiz barulho, ele queria-me bater, eu saltei fora do barco e fui-me embora para casa e tudo se acalmou".

Tais agressões eram mais frequentes no início do casamento: "Ai, quando casei levei tanto. (...) No princípio de casados, com a barriga à boca levei uma coça aqui na praia". Este acontecimento marcou-a profundamente, não só porque estava grávida da primeira filha, mas também porque ocorreu por causa de uma pessoa da família dele: "Eu trabalhava na loja e então a irmã e elas estavam a fazer contas, partilhas. Ele entendeu que a irmã o estava a roubar (...). Eu sabia mas para não armar chatices dentro da família, disse que não sabia e ele bateu-me, por estas palavras, não foi nada mais".

Esta situação de violência conjugal não foi a única, mas foi singular pela sua severidade: "Como essa nunca levei mais nenhuma, agora uma bofetada, um murro já levei muitas vezes". As agressões ocorriam, na maior parte das vezes, por razões profissionais e na praia: "Era sempre trabalho, as coisas não corriam como ele queria ou chegava à beira e eu não tinha as coisas feitas como ele queria".

O marido agredia-a sempre com as mãos: "Nunca bateu com um pau nem nada disso". Nestas situações, ela nunca reagia: "Eu calava-me e fazia assim para ele não me aleijar, para não me pisar os olhos que me pisou muitas vezes". As filhas não assistem às agressões porque, geralmente, elas ocorrem na praia. Em casa só testemunham quando o pai começa a partir a louça: "Em casa já viram ele partir a loiça e essas coisas, mas isso elas já estão tão habituadas que nem fazem caso. Ele se partir, deixa-o partir que depois ele vai para o café e a gente limpa".

O marido, por vezes, "promete" tentar mudar o seu comportamento violento: "Ele já muitas vezes disse, eu agora vou ver se mudo, isto de partir a loiça e tudo. (...) Mas é o feitio dele, por isso eu não faço caso. (...) Tenho tido colegas aqui e, principalmente, as minhas irmãs dizem que não aturavam o que eu aturo. Mas eu casei muito novinha, casei com muito amor. Depois eu lembro-me assim, ó meu Deus, eu sou mãe de duas filhas, sou avó de netos, eu com quarenta e três anos não estou para andar a fazer vergonhas nem para dar que falar ao povo. Eu calo-me e meto-me em casa". "(...) A gente ouve muitas coisas. Em momentos de aflição diz coisas que a gente não gostaria de ouvir, mas ouve e cala-se. Que é o remédio que tem para não fazer vergonhas... eu tenho filhas, sou avó de netos".

A história de vida e de violência doméstica apresentada, revela-nos como "o sujeito é produtor de si", nas condições familiares e sociais que "o produzem e habilitam para assim ser" (cf. Conde, 1993, p. 48).

b. O uso sociológico das narrativas

O estudo de narrativas conquistou um interesse renovado nos últimos anos, ilustrando o estatuto que a "interpretação" ocupa, nos nossos dias, no âmbito das ciências sociais (Riessman, 1993, p. 1). Perante as limitações decorrentes das premissas positivistas e dos métodos das ciências naturais, de uma forma geral, a narrativa emerge quer nos Estados Unidos, quer na Europa como princípio de organização da vida humana. Este interesse renovado por um tópico

antigo⁹, está relacionado com a crescente noção do papel que “contar histórias desempenha na configuração dos fenómenos e processos sociais” (Idem).

Contar histórias sobre acontecimentos passados é uma forma universal de actividade humana (Idem). Assim na narrativa, o sujeito emerge como “autor da sua vida”, (re)criando as realidades vividas (Gonçalves, 2000, p. 37). O indivíduo torna-se inseparável da sua existência, passando à exploração de um mundo de verdades múltiplas e complexas (Idem, p. 21).

No estudo das representações e práticas de violência doméstica, a narrativa, enquanto método, foi utilizada pelo casal como princípio de organização das suas vivências de violência, corporalizando-as em conhecimento.

Vejamos então, o exemplo de uma narrativa de um casal com experiência de violência conjugal.

Irene e Eduardo: “O alcoolismo do marido”/“a personalidade da mulher”

Aos 20 anos, diz Irene, “*sonhava com um casamento feliz*”. “*Não quer dizer que o meu marido seja muito mau para mim, mas é totalmente diferente daquilo que eu pensava em nova... não sei bem explicar*”. Ou melhor, sabe porque os conflitos que tem com o marido devem-se ao facto de ele ser “*alcoólico, bêbado e eu ralho com ele que num gosto de o ver assim*”. Admite que o insulta: “*(...) não é chamar nomes que eu não gosto de chamar nomes... mas a dar-lhe cabo da cabeça*”. Também o ameaça: “*(...) que o deixo ficar, qualquer dia que abandono tudo, sei lá, o que vier na altura à cabeça. Aí é que ele vai aos arames*”. De tal modo que ele já a agrediu (“*Ui! Se fosse só uma vez*”), facto que a leva a concretizar as suas ameaças: “*Às vezes fujo com os meus filhos. (...) Saio e vou para casa dos meus falecidos pais... e depois torno a vir*”, reiniciando-se assim o ciclo de violência.

Embora seja vítima, Irene considera que, por vezes, é responsável pela violência conjugal: “*há certas coisas que vejo que num está certo, ralho mesmo quando ele está com um bocado de vinho. Se eu às vezes me calasse talvez não houvesse tanta coisa, só que eu também sou muito nervosa e começo logo a falar*”. Irene pensou, inúmeras vezes, em separar-se do marido, mas nunca o fez “*por causa dos filhos*”. Apesar de considerar que o marido se sente arrependido após as agressões que comete contra ela, pensa que tal “*é só da boca para fora*” e que ele nunca tentou mudar efectivamente o seu comportamento violento: “*Que eu desse até hoje acho que não*”. Tudo isto leva-a a admitir que quando muito, actualmente, apenas sente amizade pelo marido: “*agora apaixonada por ele? Sei lá!*” No entanto, afirma que para “*ser a mulher mais feliz do mundo faltava que o marido largasse de beber*”.

Contrariamente à mulher, Eduardo considera que agora a sua vida está melhor, “*pró que era dantes*”, precisamente porque pensa que se prosseguisse com a violência perderia a sua família: “*A vida está a correr melhor. É melhor saber que tenho filhos e tenho a minha mulher*”. Eduardo afirma que agredia a mulher por ela bater nos filhos: “*Ela bate-lhes e eu começo a ralar com ela*”, mas também porque “*num se cala e eu depois alterava-me... não se cala não. Ui! Bé, bé bé... olha berra para aí*”. Porém, jamais admite que este comportamento da mulher, se deve facto de ele chegar a casa alcoolizado, tal como ela referiu.

Apesar de corroborar que a mulher costumava fugir de casa quando a agredia: “*ia lá para casa da minha falecida sogra*”, admite que as ameaças proferidas por ela também eram físicas: “*Ela virava-se a mim. Tu vens para quê? Eu mando-te um murro*”. De qualquer maneira ele “*não liga nada*”, até porque essas ameaças são “*mais um desabafo dela*”. Entretanto, Eduardo reconhece ter mudado o seu comportamento “*mais por causa dos filhos*”, ao ponto de admitir que quando era violento o que mais o “*impressionou foi ver os miúdos. (...) O mais velho até se matava a chorar*”. A sua relação conjugal também beneficiou com a mudança do seu comportamento, considerando que evoluiu “*para melhor*”: “*Respeitamos um ao outro, já não se verificam aquelas zangas*”.

⁹ O interesse pelas narrativas e pela narratividade tem a sua origem na *Poética* de Aristóteles.

c. Conclusão

Através das metodologias apresentadas tentámos mostrar de que forma o sujeito e o casal procura a construção de um sentido para as suas experiências de violência familiar. Constatou-se que esse sentido, em si mesmo, era múltiplo, isto é, que configurava uma variedade de significações.

A história de vida revelou-se crucial para a compreensão dos processos através dos quais um conjunto de encaminhamentos simultaneamente biográficos e familiares conduzem ao desenvolvimento de determinadas práticas de violência. Permitiu, ainda, demonstrar como as referidas práticas se inscrevem na memória individual e familiar, são subjectivamente vivenciadas e se reproduzem.

Por seu turno, o universo de significados para o qual a narrativa apresentada nos envia, revela-nos que o casal organiza a sua experiência de violência a partir de diferentes razões centrais. Tal ilustra, por um lado, o modo como o casal na sua individualidade (re) elabora as experiências de violência e, por outro, a persistência de relações de género assimétricas em modelos de conjugalidade caracterizados por uma forte diferenciação.

Deste modo, ao chegar a novas formas de significação através da narrativa, desenvolveu-se no casal uma dimensão transformadora da própria realidade que narravam, pois não só foram distintas as razões e os acontecimentos de violência evocados, como era diversa a sua natureza temporal, contextual e significadora. É inegável que a narrativa permitiu ao casal reclamar identidades e vidas (re) construídas (Riessman, 1993).

Bibliografia

- ATKINSON, Robert (1998), *The Life Story Interview*, Qualitative Research Methods, California, Sage Publications.
- AZEVEDO, José (1995), *Systemic-constructivist Theory and the Couple: A Theoretical and Methodological Study*, Dissertação de Doutoramento, Cardiff, University of Wales College of Cardiff.
- BARNETT, Ola W.; PERRIN, Cindy L. Miller; PERRIN, Robin D. (1997), *Family Violence Across the Lifespan*, California, Sage Publications.
- CONDE, Idalina (1993), “Problemas e virtudes na defesa da biografia”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 13, pp. 39-57.
- CRESWELL, John W. (1998), *Research Design: Qualitative & Quantitative Approaches*, California, Sage Publications.
- DALY, Kerry (1992), “The fit between qualitative research and characteristics of families”, in Jane F. Gilgun; Kerry Daly; Gerald Handel (eds.), *Qualitative Methods in Family Research*, California, Sage Publications, pp. 2-11.
- DENZIN, Norman (1989), *Interpretative Biography*, Qualitative Research Methods, California, Sage Publications.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (1994), *Handbook of Qualitative Research*, California, Sage Publications.
- FERNANDES, António Teixeira (1994), “Os direitos do homem nas sociedades democráticas. A violência na família”, in *Sociologia*, nº 4, pp. 7-47.
- GELLES, Richard J.; LOSEKE, Donileen R. (eds.) (1993), *Current Controversies on Family Violence*, California, Sage Publications.
- GONÇALVES, Óscar F. (2000), *Viver Narrativamente – A Psicoterapia como Adjectivação da Experiência*, Coimbra, Quarteto Editora.

HÉBERT, Michelle Lessard; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald (1994), *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget.

JANESICK, Valerie (1994), "The dance of qualitative research design – Metaphor, methodolatry, and meaning", in Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln (eds.), *Handbook of Qualitative Research*, California, Sage Publications, pp. 209-219.

MILES, B. Mathew; HUBERMAN, A. Michael (1994), *Qualitative Data Analysis – An Expanded Sourcebook*, California, Sage Publications.

OLESEN, Virginia (1994), "Feminisms and models of qualitative research", in Norman K. Denzin; Yvonna S. Lincoln (eds.), *Handbook of Qualitative Research*, California, pp. 158-174.

REISSMAN, Catherine Kohler (1993), *Narrative Analysis*, California, Sage Publications.

ROSENBAUM, Alan (1988), "Methodological issues in marital violence", in *Journal of Family Violence*, nº 2, pp. 91-104.

SAUNDERS, Daniel G. (1990), "Wife abuse, husband abuse, or mutual combat?", in Kersti Yllo; Michele Bograd, *Feminist Perspectives on Wife Abuse*, California, Sage Publications, pp. 90-113.

STRAUS, Murray A. (1979), "Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales", in *Journal of Marriage and the Family*, nº 1, pp. 75-88.

STRAUS, Murray A.; GELLES, Richard J.; STEINMETZ, Suzanne K. (1988), *Behind Closed Doors-Violence in the American Family*, California, Sage Publications.

WEIS, Joseph G. (1989), "Family violence research. Methodology and design", in Lloyd Ohlin e Michael Tonry (eds.), *Family Violence*, Chicago, The University of Chicago Press, pp. 117-162.

YLLO, A. Kersti (1990), "Political and methodological debates in wife abuse research", in Kersti Yllo; Michele Bograd, *Feminist Perspectives on Wife Abuse*, California, Sage Publications, pp. 28-71.

Idem (1983), "Using a feminist approach in quantitative research. A case study", in David Finkelhor et al. (eds.), *The Dark Side of Families. Current Family Violence Research*, California, Sage Publications, pp. 277-288.